

a arte pelo homem

José Alberto Fogaça de Medeiros

Tôda crítica relativa à nova moral da Arte corre sempre o risco de parecer uma insistente redundância.

O tema, entretanto, está tão ligado às experiências vitais mais comuns do homem moderno, é tão indissociável da sua realidade cotidiana, que dificilmente resultaria inútil um trabalho como êste, o qual não pretende ser mais do que uma contribuição — ainda que modesta — à compreensão do assunto: ... "toutes choses sont dites déjà, mais comme personne n'écoute, il faut toujours recommencer" — ANDRÉ GIDE.

É inegável que a Arte atravessa um período angular da sua história. Talvez em momento algum foi tão "fiel" à vida, ao presente, à verdade. A Arte é hoje uma insidiosa testemunha: tudo vê, tudo percebe, tudo lhe é dado saber.

O poema, o romance, o drama, a pintura, o cinema não têm outra intenção senão reconstituir a verdade original da natureza. Não no sentido aristotélico: o mimetismo perfeccionista e o equilíbrio clássico estão definitivamente falidos. Tampouco se pode comparar o que é feito agora à arte "fotográfica" do século passado. Porque o artista, hoje, antes de tudo destrói. A sua função é reorganizar, reconstruir o mundo — um mundo que, em essência e nos elementos substanciais que o constituem, é o mesmo. Mudou a maneira de ver as coisas. A visão caótica do mundo traduz-se por uma nova forma, rebelde e iconoclasta. Quer dizer: a Arte é revolucionária porque a forma é revolucionária. O artista experimenta o desmoronamento da realidade circundante, cada obra é um tubo de ensaio. (Talvez resida justamente aí o grande dilema do público. As grandes platéias são incapazes de perceber o verdadeiro sentido e apreciar o

intrínseco valor das obras modernas porque são também incapazes de esfacelar o mundo organizado e aparentemente tranquilo em que vivem.)

O importante, enfim, a verdade lapidar é que — hoje mais do que em outros tempos — a Arte é uma projeção da vida. Caótica, angustiante, retorcida, mas é uma projeção da vida. A partir desse conceito podemos construir nossa argumentação.

Nós vivemos uma idade trágica. Todos nós. O sentido da existência, o mistério insondável da realidade cósmica em que nos engolfamos, a estranha axiologia de uma sociedade cada vez mais materialista e alienante, tudo isso nos aterroriza e nos sufoca.

Em função dessa realidade é que a tragédia passou a ser a mais legítima forma de expressão artística. Todos os gêneros e tôdas as artes contemporâneas por ela se exprimem e por ela se realizam.

A catarse de Aristóteles, de certa forma, afirma e justifica tal asserção: se a tragédia exerce sobre o homem um efeito purgativo, o palavrão, o crime, a patologia humana — motivos fundamentais da arte moderna — não fazem mais que nos conduzir *ao domínio sobre o trágico da vida*, fonte de todo o "prazer estético". É algo assim como um tratamento muito usado em terapia psiconeurótica: forçar o paciente a revivenciar as experiências negativas armazenadas no inconsciente a fim de obter uma "purgação" ou esvaziamento mental, uma espécie de apaziguamento oposto à natureza dos fatos revivenciados.

Não obstante, o pintor, o romancista, o dramaturgo de nosso tempo quer mais do que isso. Muito mais. Sua arte deve comunicar sobretudo revolta, irritação, uma indefinível angústia destrutiva. Para que o leitor ou espectador saiba que o que está lendo ou vendo é inescapavelmente *a sua realidade, a sua vida ou a vida de seus iguais*, não importa. O importante é que venha a refletir sobre a decadência de seu mundo, destruindo-o interiormente. É preciso que "viva" a verdade que lhe foi revelada à luz da arte.

(Enfim, quem busca distração — ou deliciosa alienação — não vá ao teatro nem abra um livro.)

Cumprido, aliás, esclarecer que na arte neorealista o prazer estético não significa "satisfação" ou simples "agrado". A arte moderna é criada a partir de uma visão tragicista do universo, e a tragédia é um exercício espiritual — como dissemos acima — e não mero divertimento. Esta é uma teoria de valorização estética que não pode ser esquecida: "As artes não estão preocupadas com soluções felizes e com engenhosas harmonizações de diversos prazeres, não são caixas onde se comprimem doces."*

A expressão "prazer estético", que referimos anteriormente, deve ser entendida, acima de tudo, como o reconhecimento de uma verdade que pertence a todos os homens, uma verdade congênita, algo intimamente vinculado à condição humana. Como disse Virgílio Ferreira, o excelente

* Ivor Armstrong Richards, in "PRINCÍPIOS DE CRÍTICA LITERÁRIA", edição Globo, pág. 56.

romancista, ensaísta e crítico literário de "APARIÇÃO", "ESPAÇO DO INVISÍVEL" e outras obras de vulto da moderna literatura portuguesa: "A arte é o reconhecimento de algo universal. É um sentimento de plenitude que está ligado ao reconhecimento de algo universal, de fatal, de 'nosso'."

Não se vê — no romance, no teatro ou no cinema — o sofrimento ou a alegria de alguns, mas o Sofrimento e a Alegria puramente, como valores absolutos e universais, como essências que foram colhidas pela intuição e pela sensibilidade do artista.

Nesse sentido, dificilmente poderia haver arte não-engajada ou arte alienada. Não existe arte pela arte, mas arte pelo homem. O problema é se a força que dela promana opera em campos individuais ou coletivos, se ela atinge a esfera pessoal de um indivíduo tão-somente ou interessa ao grupo social. Teríamos daí uma divisão simplista: uma arte que atua na órbita ético-subjetiva e outra que fere a extensão mais ampla e mais complexa das relações sociais.

Tomemos — voltando ao assunto central — como exemplo para o que vínhamos dizendo, os filmes de Ingmar Bergman, o teatro moderno brasileiro, principalmente com as peças vigorosas e altamente dramáticas de Plínio Marcos, o romance de James Baldwin ou a dramaturgia agressiva e neurótica de Eduardo Albee. O lesbianismo, a prostituição, o homossexualismo, o incesto, o crime, a neurose, a esquizofrenia, enfim os mais altos graus no quadro da patologia humana aí nos são revelados, desde as anomalias eróticas mais chocantes até o mais vil e degradante condicionamento de vida social.

Tudo isso porque a função do novo homem de arte é trazer à evidência a crueldade humana com a lucidez e a percuciência de um pesquisador biólogo, psicólogo e sociólogo.

Pois bem. Desnudar a criatura humana, mostrando toda sua hediondez e sua miséria não significa "pactuar" — ou mais objetivamente — "regozijar-se" com essa realidade crua e mortificante. Poderia o artista aceitar a injustiça? E, mais do que isso, glorificá-la?

Categòricamente: Não.

Por que então êle a expõe com tal mordacidade e tal veemência, chegando mesmo às raias da sordidez?

Por que êle a evidencia a ponto de chocar e agredir o leitor ou espectador?

.....

Talvez a resposta a essas perguntas esteja nas palavras de Brecht, o genial dramaturgo alemão, quando falava "Aos que vão nascer":

"REALMENTE, EU VIVO NUM TEMPO SOMBRIO.
A INOCENTE PALAVRA É UM DESPROPÓSITO. UMA FRONTE
SEM RUGA
DEMONSTRA INSENSIBILIDADE. QUEM ESTÁ RINDO
É PORQUE NÃO RECEBEU AINDA

A NOTÍCIA TERRÍVEL.

QUE TEMPO É ÊSTE, EM QUE

UMA CONVERSA SÔBRE ÁRVORES É QUASE UMA FALTA,
POIS IMPLICA EM SILENCIAR SÔBRE TANTOS CRIMES?"

Em verdade, o homem é um animal desvairado, lançado em seu abismo existencial, vivendo constantemente a véspera do caos. O crime, a imoralidade, a mentira, estão fatal e irremediavelmente dimensionados na criatura. E o artista não pode fugir a isso. Não aceita, mas reconhece. Entenda-se: êle não é solidário com a corrupção, mas é solidário com a DOR HUMANA.

É a partir da miséria e da dor humana que o artista constrói a sua obra. Destrói tudo que vê, para reconceber o mundo e a existência numa plenitude que está acima da simples satisfação aos impulsos sensoriais. É a plenitude da Arte.